

Muitos dizem que o Brasil
Nunca teve habitação
E que veio muitos mil
Com a colonização
Desfavorecendo o povo
Que habitava até então

No início disso tudo
Houve trocas de ações
Onde foi utilizado
Pra ganhar muitos milhões
Favorece apenas um
Trazendo as confusões

As disputas começaram
Quando o branco se atreveu
E assim desestruturaram
As tribos que conheceu
Lascando aquele povo
E tomando o que não deu

Além de tomar as coisas
Que o Homem-branco não deu
Colocaram várias iscas
E puseram o véu em cima
Pra cobrir todas as pistas
Das correntes que prendeu

Já falei dessas desgraças
Que aos nativos sucedeu
É melhor falar das graças
Que esse povo forneceu
Que possui uma cultura
Que muitos não conheceu

Vou falar da culinária
Que o nativo aprendeu
Cantando as poesias
Que o mesmo desenvolveu
Foi mexendo a farinha
Que o pirão ele comeu

Com maria peneirando
Uma massa de mandioca
E ralando aquele coco
Lá dentro de sua oca
Tomou a água de coco
E comeu a tapioca

O tempo de plantar milho
O nativo aprendeu
Repassando aos seus filhos
Tudo o que desenvolveu
Do milho fez a pipoca
E dela todos comeu

Todos que estamos aqui
Digo em grande maioria
Que comeu isso daqui
Como uma cortesia
Tô falando do beiju
Quem comeu sempre queria

Esses cabras são valentes
E eu digo com certeza
Que esse povo sorridente
Possui imensa pureza
Sobrevive até agora
No meio das incertezas

Luto com literatura
Uma espada afiada
Pra defender a cultura
Que ficou desrespeitada
Defendo o povo nativo
Com essa grande armada

Com esses versos afirmo
Que devemos batalhar
Junto ao povo nativo
Pra cultura sustentar
Luto com literatura
Porque de morte basta!

Cordel de Luciano Júnior

Estudante do 3º ano do curso Técnico em Agropecuária do IFPE-Campus Barreiros